



OS 53 ANOS DE IMIGRAÇÃO DA FAMÍLIA YOSHIDA

Muitos descendentes de japoneses chegaram ao curso superior na década de 1970.

Nesta época os imigrantes já estavam se estabelecendo financeiramente, após um início de adaptação, principalmente para famílias como a nossa que veio para o Brasil após a Segunda Guerra. Contarei um pouco da história de minha família, desde muito antes de meu nascimento.

Aos 18 anos (em 1934) meu pai foi para a guerra sino-japonesa, na região árida da Manchúria (China), que o Japão dominou por um longo tempo. Retornou aos 20 anos, só pele e osso, com menos de 40 quilos e nunca mais recuperou sua saúde. Todas as vezes que nos falava sobre a guerra, dizia que nenhum filme retrata o sofrimento que passa o ser humano durante os conflitos. Entre tantas histórias que contava, Vale destacar a de quando ele estava em um comboio militar, com vários caminhões cheios de soldados armados, indo para a frente de batalha. Cantando e conversando, não chegaram a perceber que foram recebidos com tiros ao passar por uma área rochosa. Passado algum tempo, seguindo em frente por uma região de planície, perceberam que o veículo em que estavam havia se desgarrado do restante da tropa. Ao interperlar o motorista constataram que ele tinha sido atingido por um tiro, tendo morrido debruçado sobre o volante, com o pé apoiado no acelerador. Ficaram perdidos por vários dias e quando retornaram à base souberam que houve um grande confronto e toda a tropa fora dizimada. Oficialmente também foram considerados mortos.

Com a rendição incondicional do Império Japonês aos Aliados ao fim da Segunda Guerra, em 1945, o Japão passou por uma grande crise. No início da década de 50 era uma país que estava se reerguendo, mas o povo ainda passava por sérias dificuldades. Em 1953, meus pais eram agricultores, proprietários de uma casa e um terreno de aproximadamente mil metros quadrados, onde plantavam arroz e verduras em geral. Um belo dia meu pai leu um anúncio de emigração para o Brasil, com promessa de ganho de dezenas de hectares de terra e uma ajuda financeira durante os primeiros anos. Muito aventureiro, logo se interessou e propôs à minha mãe, que aceitou a idéia. Venderam o terreno e com este dinheiro compraram as tralhas de primeiras necessidades para morar no Brasil, principalmente ferramentas e o kit de primeiros socorros. A casa em que moravam foi doada à associação do bairro, pois ninguém dava nada por ela naquele período. Era um sobrado que até hoje se encontra em pé e que atualmente valeria centenas de milhares de dólares.

Assim, em 1955 meus pais resolveram atravessar o mundo. Mas para atender as exigências da imigração a família teria que ter pelo menos quatro adultos. Como minhas irmãs tinham 12 e 3 anos e meus irmãos 6 anos e o outro 6 meses, vieram também uma tia, irmã de mamãe, e um primo com 19 anos que mais tarde veio a se tornar meu cunhado. Saíram da cidade de Maizuru, estado de Quioto, para o porto de Kobe, onde ficaram duas semanas para completar o treinamento e o aprendizado do português básico. Se eu disser que minha mãe, até hoje, quase não fala a nossa língua, talvez achem estranho, mas é o que ocorria com a maioria das famílias de imigrantes.

Nesta época a imigração estava fechada para os estados mais ricos do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Embarcaram no navio com outras centenas de imigrantes com destino a Monte Alegre, no Pará. Após 45 dias chegaram ao porto de Belém. Mais 7 dias subindo o rio Amazonas, que para eles era como o mar, chegaram em Santarém. Outro dia para cruzar o rio rumo a Monte Alegre e finalmente mais um dia mata adentro em cima de um pau de arara, até chegar a um acampamento numa clareira dentro da floresta. Ficaram em barracas improvisadas até definir por sorteio o lote, onde cada família construiu o primeiro barraco de pau coberto com folhas de coqueiro. Temos a foto onde meu pai mandou escrever orgulhosamente FAZENDA YOSHIDA.



HITOSHI YOSHIDA

Hitochi Yoshida é Engenheiro Mecânico formado em 1980 pela EFEI. Iniciou sua carreira profissional na KSB Bombas Hidráulicas. Em 1984 foi para a Alcan Alumínio do Brasil em Ouro Preto-MG, onde trabalhou no Setor de Engenharia de Manutenção, sempre voltado a soluções de problemas de bombeamento. Depois foi para a Fábrica de Alumina dentro da Alcan, como Engenheiro de Processos. Posteriormente, engajou-se em sociedade na RAM Engenharia, empresa que conseguiu a terceirização da manutenção das bombas da Alcan e distribuição das bombas de polpa Barret Hazleton para o estado de Minas Gerais.

Um ano e meio depois, já em 1991, devido a problemas de sociedade na RAM, decidiu ir para o Japão com a família, onde permaneceu por 9 anos trabalhando em diversas empresas, como a Tookatsu Foods (linha de montagem de lanches e posteriormente responsável pelo controle e expedição); Aishin Seiki, do Grupo Toyota (na inspeção de peças de caixas de marchas para veículos); Toyotec, Grupo ligado a Minolta (como líder de linha de montagem de câmeras fotográficas e intérprete para os trabalhadores de língua portuguesa e espanhola); Ishida Tiyuki, Fábrica de caldeiraria voltada para material inox (acompanhamento de todas as fases de fabricação e inspeção final em peças para construção civil e mecânica).

Antes de voltar ao Brasil optou por morar durante um ano e meio nos Estados Unidos, para aprimorar o inglês, tendo trabalhado no restaurante Taksan Sushi Tempura, como Sushi Chef. Retornando ao Brasil em 2003, adquiriu uma lanchonete, mas pouco tempo depois decidiu voltar a trabalhar como engenheiro na indústria. Foi então para Várzea da Palma, na fundição SADA Siderurgia, como supervisor de manutenção mecânica. Em Belo Horizonte veio trabalhar como supervisor de oficina e assistência técnica para a Hidrotécnica, autorizada da KSB Bombas Hidráulicas. Atualmente trabalha como consultor na área de projeto, manutenção, processo e intérprete, para empresas como: GCT Global Ciência e Tecnologia (biotecnologia); RIA Rede de Informação Ambiental (meio ambiente); Projeto TZEDAKÁ (papel artesanal); e Lenium Ambiental (consultoria em papel e meio ambiente).

Hitochi é casado com Stael, mineira de Barbacena, com quem tem os filhos Isabella de 23 anos, Frederico de 20 anos e a neta Alice, de dois anos, filha de Isabella. Como assíduo frequentador das reuniões mensais da AD-UNIFEI de Belo Horizonte, tem conquistado a simpatia de todos os colegas. Nas inevitáveis conversas sobre o centenário da imigração japonesa, foi incentivado a nos contar um pouco da história de sua família, que teve uma vida difícil e sofrida no Brasil, como a de tantos outros imigrantes, mas com final feliz graças à persistência e dedicação ao trabalho, características predominantes de seu povo. É ele quem nos conta resumidamente como tudo aconteceu...

Durante a viagem, ao passar pelo canal do Panamá, os moradores locais vendiam bananas e meu pai comprou um cacho inteiro, ficando feliz em mostrar como valia o seu dinheiro. Aquilo foi uma festa conforme contou minha mãe. No Japão a banana era coisa rara, só para ricos, pois era fruta importada.

Um grande sofrimento para os imigrantes que estavam chegando, principalmente para minha mãe, que estava amamentando, foi a comida. Durante os 45 dias em alto mar, muitas vezes ficaram enjoados, principalmente em dias com altas ondas, pois eram marinheiros de primeira viagem. Mas a tripulação era japonesa, portanto a comida era normal. Ao embarcar no navio em Belém com destino a Santarém as coisas ficaram feias. Farinha de mandioca, feijão e carne seca, tudo feito com muita

gordura de porco, o que era intragável, por mais que minha mãe se esforçasse. Hoje ela até

gosta, desde que não tenha muito sal e óleo. Mas o seu arroz ainda é o especial, cozido só com água.

Todos iniciaram o cultivo da terra, fazendo pequenas queimadas e revolvendo a terra com as próprias mãos. Receberam algumas mudas como a pimenta do reino, banana, mamão, etc. Plantaram estas mudas e semearam arroz, abóbora e outros. Mas não havia para quem vender, nem meio de transporte ou cidade nas proximidades. Pelo menos nos primeiros anos o governo japonês enviou dinheiro mensalmente, o que "daria" para sobreviver. Mas o dinheiro tinha por destino uma cooperativa e se evaporou. Para complicar ainda mais, a maioria das famílias perdia algum membro por graves doenças tropicais como a malária e a febre amarela. Para nossa sorte não tivemos nenhuma

baixa em nossa família, mas o dinheiro estava acabando. Então meu pai, com receio de também perder alguém da família, comprou uma passagem com o pouco que restou e mandou meu primo para o Paraná, para trabalhar em lavouras de café. Em poucos meses ele conseguiu que o seu patrão financiasse a passagem para o resto da família.

Chegaram em uma terra muito vermelha, onde nascia uma cidade chamada Maringá. Foi nesta cidade que nasci, sendo o primeiro brasileiro da família. Como meus pais não conheciam a língua e com receio de dar um nome equivocado que depois viesse a ser motivo de piadas, eu e minha irmã mais nova recebemos nome japoneses.

A partir de então foi muita luta, trabalhando como colono na fazenda de café e depois plantando legumes e frutas como meeiro. Até que, em 1965, começou a plantar por conta própria arrendando uma terra de imigrantes alemães na cidade de Campinas, no bairro Friburgo. Na época era um local longe de tudo, mas fomos felizes. Meu irmão caçula tem o nome Ari em homenagem ao patrão que se chamava Harry. Se fosse menina, tenho certeza que se chamaria Beatriz, que era a esposa dele.

Nosso pai, que sofria de doença crônica, faleceu aos 55 anos deixando 8 filhos solteiros. O menor tinha 1 ano e meio e eu tinha 12 anos. Minha irmã mais velha, que depois se casou com meu primo, voltaram ao Japão e moram perto da casa que fora de meu pai. O arrimo de família era Kazuya, desde sua adolescência, e minha mãe se virava fazendo os serviços domésticos e na lavoura, com as crianças pequenas sendo cuidadas pelos maiores.

Hoje minha mãe vive com meu irmão Kazuya em Americana-SP, outros vivem em Londrina, Campinas, Vitória, Ilhéus, eu em Belo Horizonte e três no Japão.

Fui o primeiro que pôde prosseguir os estudos e, por sorte, pude estudar em uma Escola Federal. Na época consegui o crédito educativo que paguei depois de formado de forma suave.

Concluindo, acho que sou um cara de muita sorte, por ter conseguido ingressar na EFEI e fazer parte desta família. Não sei se pelas circunstâncias ou se pela educação que recebi, os meus irmãos mais velhos são como meus pais e é claro, minha mãe é muito mais que uma simples mãe.

Hitochi Yoshida